



Shedd
publicações

TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO

UMA ABORDAGEM CANÔNICA E SINTÉTICA

FRANK THIELMAN

Para muitos, pensar na palavra “teologia” é pensar em abstração, erudição incompreensível e irrelevância. Com certeza, alguns livros de teologia se encaixariam nesse quadro de inutilidade. A teologia, porém, faz parte da vida do cristão, leigo ou estudioso. Mais importante ainda, ter uma teologia bíblica é algo fundamental para todos cristãos, assim a necessidade de livros que possam nutrir uma cosmovisão honesta e comprometida com a verdade da Palavra de Deus. Tive o privilégio de estudar com o dr. Frank Thielman por quase quatro anos, e sua humildade, seu temor a Deus, sua paixão pela verdade, sua simplicidade e sua profundidade foram marcas claras em cada aula ministrada. Por isso, posso honesta e pessoalmente dizer que o leitor encontrará nessa Teologia do NT alimento suficiente e farto para muitas refeições! Ficará claro o compromisso do autor com a verdade da Palavra de Deus, por intermédio da sua exegese responsável e bíblica. E muito mais, este livro, como todo bom livro, certamente leva o leitor a uma melhor compreensão do livro Supremo: a Palavra de Deus. Creio que aqueles que lerem este livro crescerão em conhecimento e prática da Palavra de Deus. A Deus toda a glória!

Edmilson Frazão Bizerra
Pastor da Igreja Batista do Jardim Consórcio
Meste em Divindade, Beeson Divinity School

Este livro é singular pela sua erudição, exegese rigorosa e profundidade teológica.

Thomas R. Schreiner
Professor de Novo Testamento,
The Southern Baptist Theological Seminary

Este material é marcado pela linguagem acessível e estilo didático — repleto de *insights* teológicos.

Karen H. Jobes, PhD
Professora de Novo Testamento,
Westmont College

Sumário

PREFÁCIO	9
ABREVIATURAS	15

INTRODUÇÃO

1. Teologia do Novo Testamento: questões básicas	23
--	----

PARTE 1

OS EVANGELHOS E ATOS

2. A tenacidade e a importância do evangelho quádruplo	53
3. Marcos: a morte do Filho de Deus como boas novas	69
4. Mateus: vinho novo em vasilha de couro velha	103
5. Lucas—Atos: o lugar dos cristãos no curso da história da salvação	135
6. João: fé em Jesus como meio de vida eterna	181
7. Quatro testemunhas diferentes do evangelho único de Jesus Cristo	217

PARTE 2

AS CARTAS PAULINAS

8. A coerência e o cerne da teologia de Paulo	261
9. 1 Tessalonicenses: manutenção da fé, da esperança e do amor em meio ao sofrimento	279
10. 2 Tessalonicenses: perseverança a despeito da perseguição e do falso ensino	297
11. Gálatas: a graça de Deus e a verdade do Evangelho	311

12. 1Coríntios: um pedido de paz, santidade e fidelidade	327
13. Filipenses: a importância do curso do Evangelho	365
14. 2Coríntios: poder aperfeiçoado na fraqueza	385
15. Romanos: o Evangelho da justiça de Deus	407
16. Colossenses: Cristo preeminente no cosmo e na história	447
17. Filemom: a prática da reconciliação	461
18. Efésios: a unidade da igreja e do cosmo em Cristo	469
19. 1Timóteo: a igreja como pilar e fundamento da verdade	487
20. Tito: conhecer a Deus, praticar o bem e tornar a salvação atrativa	507
21. 2Timóteo: fidelidade para com o Evangelho	515
22. Ênfases comuns e convicções centrais das cartas de Paulo	525

PARTE 3

CARTAS NÃO-PAULINAS E APOCALIPSE DE JOÃO

23. Unidade nas cartas não-paulinas e no Apocalipse	577
24. Tiago: a sabedoria da vida indivisa	593
25. Judas: lutar pela fé contra a perversão da graça divina	613
26. 2Pedro: ética e escatologia	625
27. 1João: a verdade sobre Jesus, sua morte e o mandamento para amar	643
28. 2João: evitar os que abandonaram a verdade e o amor	667
29. 3João: trabalhar unido com a verdade	675
30. 1Pedro: sofrer como cristão	685
31. Hebreus: Jesus, o aperfeiçoador da fé e guia dos fiéis	705
32. Apocalipse: significado em meio da opressão	739
33. Colisão de cosmovisões de Hebreus a Apocalipse	785

CONCLUSÃO

34. Unidade teológica do Novo Testamento	819
Obras citadas	871

Filipenses: a importância do progresso do evangelho

AS RAZÕES PARA A ESCRITA DE FILIPENSES

Os quase três anos de Paulo em Éfeso chegaram ao fim com um período de turbulência. “Porque se abriu para mim uma porta ampla e promissora”, ele diz aos coríntios, “e há muitos adversários” (1Co 16.9; cf. 15.32). Refletindo sobre esta fase difícil de sua obra alguns meses após ter deixado a cidade, Paulo escreveu ter estado

[sob] tribulações [...] muito além da nossa capacidade de suportar, a ponto de perdermos a esperança da própria vida. De fato, já tínhamos sobre nós a sentença de morte, para que não confiássemos em nós mesmos, mas em Deus, que ressuscita os mortos (2Co 1.8b, 9).

Apesar de o ponto ser controverso, é possível que essas dificuldades incluíram um período de aprisionamento, em que a igreja de Paulo, de Filipos, ficou tão preocupada com ele que comissionou um dos irmãos, Epafrodito, como portador de uma oferta monetária a Paulo (4.18) e para permanecer com ele e suprir suas necessidades (2.25).¹

¹Uma tradição que data pelo menos a partir do prólogo marcionita de Filipenses (do segundo século d.C.) diz que Paulo estava em uma prisão romana enquanto escrevia aos filipenses. O registro do aprisionamento de Paulo em At 28.16-31, a menção ao “pretório” (Fp 1.13; NVI nota de rodapé), e dos cumprimentos enviados a partir da “casa de César” (Fp 4.22; *Almeida 21*) foram provavelmente suficientes para incitar os antigos leitores da carta a presumir a prisão em Roma. Entretanto, o termo “Pretório” pode ter uma vasta gama de sentidos, incluindo o quartel-general de um governador de província (Mt 27.27; Mc 15.16; Jo 18.28, 33; 19.9; At 23.35; Cícero, *Ver.* 4.65; 5.106), e “casa de César” era um grande grupo de escravos do imperador e de ex-escravos espalhados por todo o império. Além disso, a afinidade entre Fp 3.1-21 com Gálatas (Fp 3.1-11) e 1Coríntios (Fp 3.12-21), torna a origem efésia da carta muito provável. Sobre o significado de “pretório”, v. P. G. W. Glare, ed. *Oxford Latin Dictionary* (Oxford: Oxford University Press, 1982), 1448. A respeito da “casa de César”, v. P. R. C. Weaver, *Familia Caesaris: A Social Study of the Emperor's Freedmen and Slaves* (Cambridge: Cambridge University Press, 1972), p. 1-8; sobre toda esta questão, v. Frank Thielman, “Ephesus and the Literary Setting of Philippians” in *New Testament Greek and Exegesis*, ed. Amy M. Donaldson e Timothy B. Sailors (Grand Rapids: Eerdmans, 2003), p. 205-23.

Provavelmente, no caminho até Paulo, Epafrodito adoeceu, mas foi compelido a completar a missão, “arriscando a vida”, como Paulo afirma, “para suprir a ajuda que vocês não me podiam dar” (2.30).² De algum modo, um comentário a respeito da condição de Epafrodito chegou a Filipos, e ele ficou aflito pela preocupação que estava despertando. Ele desejava voltar (2.26), assim, Paulo decidiu mandá-lo de volta (2.25), e isso deu ensejo ao envio de uma carta tendo-o por portador. Nossa carta canônica aos filipenses resulta daí.³

A preocupação de Paulo com o curso do evangelho entre os filipenses domina a carta. A importância desse tema é evidente a partir de 1.9-11, onde ele segue seu procedimento costumeiro de revelar as preocupações principais da carta no relato de uma oração intercessória:

Esta é a minha oração: que o amor de vocês aumente cada vez mais em conhecimento e em toda a percepção, para discernirem o que é melhor, a fim de serem puros e irrepreensíveis até o dia de Cristo, cheios do fruto da justiça, fruto que vem por meio de Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus.

Paulo deseja que os filipenses se concentrem no que importa, e isso, como Paulo diz em 1.12 e 25, é que o evangelho progrida em todas as circunstâncias, independentemente de quais sejam.⁴ Ao concentrar-se no progresso do evangelho, os filipenses chegarão ao último dia puros, irrepreensíveis e cheios da justiça. O labor de Paulo entre eles não terá sido em vão (2.16), e, no dia de Cristo, eles serão a coroa de sua vitória (4.1).

Três impedimentos ao progresso do evangelho entre os filipenses parecem se sobrepor. Primeiro, os filipenses estão sofrendo dificuldades por causa do evangelho. Eles passam por perseguições políticas e estão angustiados por quem sofre pela mesma razão, particularmente Paulo e Epafrodito. Segundo, a desunião na igreja ameaça emperrar seu próprio testemunho. Terceiro, ainda com o suor no

²Paul A. Holloway, *Disce Gaudere: Paul's Consolation of the Church at Philippi*, diss. University of Chicago (1998), 26. V. idem, *Consolation in Philippians: Philosophical Sources and Rhetorical Strategy* (SNTSMS 112; Cambridge: Cambridge University Press, 2001).

³Vários estudiosos afirmam que a carta canônica aos Filipenses é uma composição de duas ou, mais comumente, três cartas distintas. Para uma abordagem dos vários esquemas da partição da carta com argumentos persuasivos em prol de sua unidade, v. David E. Garland, *The Composition and Unity of Philippians: Some Neglected Literary Factors*, *NovT* 27 (1985).141-73; Holloway, *Disce Gaudere*, p. 5-35; e, com cuidado, Markus Bockmuehl, *The Epistle to the Philippians* (BNTC; Peabody, Mass.: Hendrickson, 1998), p. 20-5.

⁴Sobre o significado do relato da oração intercessória para a determinação da principal preocupação de Paulo na carta, e também para a provável dependência de Paulo do vocabulário filosófico estoico sobre a importância da distinção entre “as coisas importantes (*ta diapheronta*) e as “coisas sem importância” (*ta adiaphora*), v. Holloway, *Disce Gaudere*, p. 27, 52-6, 104-12. Holloway sustenta de forma persuasiva que a carta de Paulo aos Filipenses é uma tentativa de “consolá-los” no sentido técnico e filosófico em que esse termo foi usado na Literatura antiga latina e grega. Consolo, nesse mesmo sentido, era “o combate da tristeza por meio de argumentos racionais” (p. 61).

rosto da luta com os gálatas e coríntios por causa de vários desvios do evangelho, Paulo deseja advertir os filipenses sobre os tipos de erros que dificultam o progresso do evangelho nessas outras igrejas.

Paulo lida com esses problemas de formas variadas, mas duas estratégias de admoestação aos filipenses são mantidas em toda a carta. Ele os faz recordar do objetivo escatológico de seu progresso na fé, e lhes oferece exemplos para seguir enquanto transpõem as barreiras que se encontram entre eles e o objetivo final.

O PROGRESSO DO EVANGELHO EM MEIO ÀS DIFICULDADES

Os filipenses estão passando por dificuldades sob duas formas. Primeira, estão sendo perseguidos por causa da fé.⁵ Sua igreja nasceu em meio à perseguição, como revela o relato de Lucas sobre o açoitamento e aprisionamento de Paulo e Silas (At 16.16-40; cf. 1Ts 2.2), e a perseguição é contínua. Eles estão passando, Paulo lhes diz: “pelo mesmo combate que me viram enfrentar e agora ouvem que ainda enfrento” (Fp 1.30). A admoestação de Paulo “não se deixem intimidar por aqueles que se opõem a vocês” (1.28a) indica sua preocupação de que a oposição possa ser um impedimento para o progresso do evangelho em seu meio — que eles desviem o olhar do que realmente importa (1.10a) e focalizem as circunstâncias difíceis com conseqüências desastrosas para o último dia (1.10b,11).

Segunda, os filipenses estão preocupados com o sofrimento de Paulo e Epafrodito. Sua angústia por causa da “aflição” de Paulo (*thlipsis*, 4.14) deu origem aos esforços para atender às suas necessidades físicas enviando Epafrodito com uma oferta (2.25; 4.18).⁶ Epafrodito está preocupado porque eles ouviram sobre sua doença durante a missão de encontrar-se com Paulo (2.26). Isso indica pelo menos que Epafrodito os conhecia o suficiente para opinar que eles se preocupariam ao ouvir essas notícias, e possivelmente ele recebeu uma palavra a respeito da preocupação deles.⁷ Em qualquer caso, tanto o próprio sofrimento deles quanto o sofrimento de outras pessoas por causa do evangelho deixava-os angustiados.

⁵V. esp. Peter Oakes, *Philippians: From People to Letter* (SNTSMS 110; Cambridge: Cambridge University Press, 2001), p. 59-63, 77-96. Oakes afirma que os cristãos filipenses eram em sua maioria não-romanos em uma cidade em que os romanos recebiam privilégios. Poucos da igreja - se é que havia algum - teriam pertencido à elite social, e a maior parte procederia do setor de serviços (padeiros etc.), escravos, fazendeiros e os pobres. Esses grupos teriam sofrido econômica e fisicamente pela recusa em participar dos rituais religiosos conflitantes com suas convicções cristãs.

⁶Holloway, *Disce Gaudere*, p. 48-50.

⁷Cf. A carta do soldado Theonas (do início do século II d.C.) à sua mãe Tetheus (POxy XII 1481), na qual ele lhe agradece pelo presente e diz estar muito contrariado por ela ter ouvido que ele estava doente. De fato, sua doença não era grave, ele explica e, portanto, sua mãe não deveria se preocupar. O texto pode ser lido em John L. White, *Light from Ancient Letters* (FF; Philadelphia: Fortress, 1986), p. 158.

Por causa dessas dificuldades, Paulo os exorta a encontrar alegria no que importa — o progresso do evangelho. Como uma forma de encorajá-los, ele descreve pessoas que se concentraram no que importa a despeito das dificuldades e podem servir como exemplos para os filipenses de como fazer o mesmo. Ele também relembra os filipenses do objetivo escatológico de sua fé. Por fim, ele dá conselhos práticos para desviar os pensamentos das circunstâncias que provocam angústia para coisas boas.

Seguir o exemplo de outras pessoas

Em 3.17 Paulo diz aos filipenses: “sigam unidos o meu exemplo e observem os que vivem de acordo com o padrão que lhes apresentamos” e, em 4.9: “ponham em prática tudo o que vocês aprenderam, receberam, ouviram e viram em mim”. Grande parte da carta dá exemplos de pessoas que, a despeito do sofrimento, concentraram-se no que importa e encontraram alegria no progresso do evangelho.

No princípio da carta, Paulo começa a apresentar sua abordagem a respeito do próprio sofrimento como exemplo para ser seguido pelos filipenses. Na Antigüidade era comum incluir nas cartas pessoais, enviadas a amigos e familiares, após a saudação e os votos de boa saúde, uma seção de notícias sobre o remetente.⁸ Paulo segue esta convenção em 1.12-26 ao expor suas circunstâncias, mas altera o costume, ao falar menos sobre os detalhes de seu aprisionamento e mais sobre o progresso do evangelho por causa desse acontecimento.⁹

Paulo o faz especialmente aqui por desejar que os filipenses percebam que mesmo em circunstâncias adversas, o crente deve regozijar-se pelo progresso do evangelho. Ele está na prisão por causa da proclamação do evangelho (1.13), e alguns “irmãos no Senhor” haviam aumentado a aflição por fazerem uma proclamação insincera do evangelho (1.15a,17). Essas dificuldades, todavia, serviram para fazer o evangelho seguir em frente. Por causa dessas dificuldades, pessoas no Pretório e em outros lugares (1.13) ouviram o evangelho, e outros crentes, amigos de Paulo ou não, pregaram o evangelho com mais ousadia. A resposta de Paulo à pregação insincera do evangelho pelos cristãos que se lhe opunham também é a resposta que ele deseja receber dos filipenses em relação às dificuldades enfrentadas.

⁸Exemplos desse arranjo aparecem na seção “Letters to and from Soldiers” [Cartas de e para soldados] do livro de White, *Light from Ancient Letters*, p. 157-66. Theonas, por exemplo, abre o argumento principal da carta para a mãe com a declaração: “Desejo informá-la de que a razão para eu não lhe ter enviado nenhuma carta em um período tão longo é que estava no campo, e não por causa da doença” (p. 158). Cf. Loveday Alexander, “Hellenistic Letter-Forms and the Structure of Philippians”, *JSNT* 37 (1989): 87-101, (esta citação é das p. 92, 94-5).

⁹Karl Barth, *The Epistle to the Philippians* (Richmond, Va.: John Knox, 1962), p. 26, observa: “À pergunta sobre como *ele* está, o apóstolo *deve* responder com informações sobre a situação do evangelho”.

Mas, que importa? O importante é que de qualquer forma, seja por motivos falsos ou verdadeiros, Cristo está sendo pregado, e por isso me alegre (1.18a).

Paulo, a seguir, volta-se para o futuro e diz que apesar de ele poder morrer ou sobreviver ao aprisionamento (1.20), está confiante de que será salvo no sentido escatológico e teológico (1.19).¹⁰ As orações dos filipenses e o auxílio do Espírito de Jesus colocam-no a salvo em meio à provação de seu aprisionamento, sua fé permanece intacta e quer a morte quer a vida estejam à sua frente, ele estará com Cristo (1.20,21; cf. 3.10-14). Estar com Cristo é o que realmente importa, e Paulo continuará a se regozijar independentemente do desfecho futuro (1.18b).

Paulo também apresenta um exemplo para ser seguido pelos filipenses na parte final da carta quando agradece a eles pela oferta. Essa parte da carta oferece tradicionalmente duas dificuldades para os intérpretes. Por que Paulo esperou tanto tempo para agradecer aos filipenses pela oferta que eles lhe deram, e, uma vez que se tenha disposto a fazê-lo, por que ele é tão reservado em relação a seu apreço?¹¹ Tanto os comentários apreciativos de Paulo quanto o modo em que ele os expressa têm provavelmente o propósito de demonstrar aos filipenses o significado de discernir o que é importante.¹² Apesar de ele apreciar a oferta deles (4.14-16,18) e se regozijar com o fato de terem expressado outra vez sua preocupação

¹⁰A referência de Paulo à sua “salvação” (*sôtêria*) é tomada às vezes em um sentido menos teologicamente poderoso de sua “libertação” da prisão. V., e.g., as traduções de Moffatt, RSV, GNB, NIV, REB, NRSV e, entre os comentaristas, Gerald F. Hawthorne, *Philippians* (WBC 43; Waco, Tex.: Word, 1983), p. 39-40. Mas Paulo normalmente usa essa palavra para designar a salvação escatológica (v., e.g., seus dois únicos usos em Fp 1.28 e 2.12), e 1.20 diz que o resultado de seu aprisionamento pode ser vida ou morte. V. J. B. Lightfoot, *Saint Paul's Epistle to the Philippians*, 4. ed. (London: Macmillan, 1896), p. 91; Marvin R. Vincent, *The Epistles to the Philippians and Philemon* (ICC; Edinburgh. T. & T. Clark, 1897), p. 23; F. F. Bruce, *Philippians* (GNC; San Francisco: Harper & Row, 1983), p. 24; Peter t. O'Brien, *The Epistle to the Philippians: A Commentary on the Greek Text* (NIGTC; Grand Rapids: Eerdmans, 1991), p. 110; Ben Witherington III, *Friendship and Finances in Philippi: The Letter of Paul to the Philippians* (NTC; Valley Forge, Pa.: Trinity Press International, 1994), p. 46; e Bockmuehl, *Philippians*, p. 83.

¹¹De modo geral, o primeiro problema é “resolvido” ao dividir Filipenses em três cartas, das quais a primeira (“Carta A”) é 4.10-20. V., entre outros, Jean-François Collange, *The Epistle of Saint Paul to the Philippians* (London: Epworth, 1979), p. 3-15, 148-54, e Jerome Murphy-O'Connor, *Paul: A Critical Life* (Oxford: Oxford University Press, 1996), p. 216. O segundo problema pode ser solucionado de diversas formas. J. Hugh Michael, *The Epistle of Paul to the Philippians* (MNTC; London: Hodder and Stoughton, 1928), p. 208-9, propõe que Paulo respondia a uma queixa dos filipenses, de uma carta anterior, por sua falta de agradecimento à altura da oferta levada por Epafrodito. G. W. Peterman, *Paul's Gift from Philippi: Conventions of Gift-exchange and Christian Giving* (SNTSMS 92; Cambridge: Cambridge University Press, 1997), p. 121-61, afirma que Paulo tenta evitar o mal-entendido de que a oferta dos filipenses dada a ele o tenha colocado sob algumas obrigações sociais para com eles. Gordon D. Fee, *Paul's Letter to the Philippians* (NICNT; Grand Rapids: Eerdmans, 1995), p. 444-5, acredita que Paulo deseja elevar o significado da amizade com os filipenses para além de questões mais mundanas do tipo dar e receber.

¹²Cf. Holloway, *Disce Gaudere*, p. 177-82.

para com ele, como fizeram no passado (4.10), Paulo não deseja fazê-los pensar que ficaria necessitado de algo sem ela (4.11,12). O Deus que fortalece seu povo trata Paulo da mesma forma em qualquer circunstância (4.13).¹³

Essa é também a atitude que os filipenses devem ter. Como o apóstolo, eles devem discernir o que é melhor (para o progresso do evangelho) e confiar que Deus lhes dê a força para suportar as dificuldades ao longo do caminho até “o dia de Cristo Jesus” (1.6).

Além de oferecer a si mesmo como exemplo, Paulo apresenta Cristo Jesus (2.5-11), Timóteo (2.19-24) e Epafrodito (2.19-30) como pessoas a quem os filipenses deveriam imitar em meio ao sofrimento.¹⁴ Pelo fato de Paulo descrever essas três pessoas em um contexto onde a desunião na igreja é sua principal preocupação, ele provavelmente intenciona que eles sirvam de forma primária como exemplos de ter “o mesmo amor, um só espírito e uma só atitude” (2.2). Além disso, cada um deles é também exemplo de permanecer concentrado no que é mais importante em meio às dificuldades. Cristo Jesus suportou o sofrimento por obediência a Deus, e Deus o exaltou grandemente (2.6-11). Esse é o padrão que os filipenses devem imitar do mesmo modo que suas convicções cristãs os conduziram ao sofrimento em uma sociedade que os considera uma ameaça à estabilidade social. Se eles permanecerem fiéis, Deus os exaltará de um jeito semelhante à forma com que exaltou a Cristo e pôs todas as coisas em sujeição a ele (3.20,21).¹⁵

Timóteo e Epafrodito também propagaram o evangelho em meio ao sofrimento. Timóteo, Paulo diz, não está preocupado com os próprios interesses, mas com os de Jesus Cristo e, portanto, “serviu” (*douleuô*) com Paulo no “trabalho do evangelho” (2.21,22). Epafrodito, de forma similar, “quase morreu pela obra de Cristo” no papel de colaborador de Paulo e de alguém que lutou a seu lado.

¹³A linguagem auto-suficiente de Paulo em 4.12 parece estoica à primeira vista, pelo fato de o estoicismo afirmar que o sábio encontra recursos em si mesmo para permanecer tranqüilo em relação a circunstâncias variáveis da vida. Entretanto, como Peterman, *Paul's Gift from Philippi*, p. 142, destaca, em 4.13 Paulo revela que: “o poder de que necessita para enfrentar as vicissitudes da vida não advém do homem natural, mas de seu Deus em Cristo”.

¹⁴Alguns intérpretes consideram 2.19-30 como um desvio infeliz, mas necessário, dos propósitos primários de Paulo na carta. Barth, *Philippians*, p. 79, reclama que ela não contém nenhum “ensino direto”, e G. B. Caird, *Paul's Letters from Prison (Ephesians, Philippians, Colossians, Philemon)* (Oxford. Oxford University Press, 1976), p. 130, de que ela contém “detalhes enfadonhos” que uma vez “postos de lado”, abrem caminho “para o tema da alegria que vem em primeiro lugar na mente [de Paulo]”. Porém, esses detalhes formam uma parte significativa da estratégia de Paulo para dar exemplos a serem seguidos pelos filipenses em seus esforços para cumprir o imperativo que se segue — “alegrem-se no Senhor” (3.1), mandamento que exige dos filipenses a concentração nos “interesses de Jesus Cristo” (2.21) e não nas dificuldades experimentadas. Isso pode explicar o motivo pelo qual Paulo, ao contrário de seu costume, não deixa detalhes no fim da carta, mas os posiciona no centro de sua argumentação.

¹⁵Cf. Oakes, *Philippians*, p. 202.

Paulo, Cristo Jesus, Timóteo e Epafrodito, portanto, são exemplos para os filipenses seguirem à medida que enfrentam as provas do próprio sofrimento pela fé e a angústia pelos irmãos que se encontram na mesma situação. Os filipenses devem responder, como eles, às circunstâncias que os cercam sem medo (1.28) e sem angústia (2.26; 4.6). Devem, em lugar disso, encontrar alegria em considerar o progresso do evangelho a despeito, e até mesmo por causa, da dificuldade.

O objetivo escatológico do crente

O empenho de Paulo em fazer a atenção dos filipenses focar no “que é melhor” (1.10) ou no que importa (1.18) como meio para suportar as dificuldades inclui também um componente escatológico, como o relato da oração intercessória com sua característica escatológica própria (1.10*b*) nos faz esperar. Paulo diz em 1.28, 29 que seu sofrimento é um dom, pois por meio dele Deus lhe deu provas de sua salvação escatológica. A equanimidade corajosa dos filipenses diante da oposição é um sinal duplo: ele demonstra que seus perseguidores estão entre os que serão destruídos e que os crentes filipenses encontram-se entre os que serão salvos no dia de Cristo.¹⁶ Sua firmeza, portanto, é um dom porque lhes assegura em relação a Deus, nas palavras de 1.6: “aquele que começou boa obra em vocês, vai completá-la até o dia de Cristo Jesus”.¹⁷

Paulo também deseja que os filipenses saibam que apesar de os cidadãos de Filipos os desprezarem, eles são cidadãos de uma cidade celestial, e que um dia o governante dessa cidade sujeitará tudo o que existe a si mesmo. Isso é parte do que Paulo quer dizer quando escreve em 3.20, 21:

A nossa cidadania, porém está nos céus, de onde esperamos ansiosamente o Salvador, o Senhor Jesus Cristo. Pelo poder que o capacita a colocar todas as coisas debaixo do seu domínio, ele transformará os nossos corpos humilhados, tornando-os semelhantes ao seu corpo glorioso.

Como veremos mais adiante, a principal preocupação de Paulo nessa passagem é informar os filipenses a respeito do tipo de mentalidade ligada à terra que atormentava a igreja de Corinto (3.19), mas o vocabulário politicamente significativo usado por Paulo revela um importante propósito subsidiário. O termo “cidadania” (*politeuma*) destaca o *status* de Filipos como colônia romana com o “direito da Itália” (*ius italicum*), com cidadãos arrolados na lista da *tribus Voltinia*

¹⁶Nessa difícil declaração: “o qual é sinal de destruição para eles, mas de sua salvação, e isto de Deus” (1.28, *autor*), o pronome relativo feminino singular “qual” (*bêtis*) é feminino pela atração do gênero da palavra “sinal” (*endeixis*). Seu antecedente é a recusa dos filipenses de se amedrontar com quem se lhes opõem. A respeito deste entendimento do grego, v. Lightfoot, *Philippians*, p. 106; Vincent, *To the Philippians and to Philemon*, p. 35; e Bockmuehl, *Philippians*, p. 101. Cf. 2Ts 1.5.

¹⁷Cf. Rm 5.3-5.

romana e, por isso, eram considerados cidadãos de Roma.¹⁸ De forma similar, o termo “salvador” era comumente usado para designar regentes políticos nas sociedades grega e romana e era um título especial dos imperadores romanos. Portanto, Júlio César, em uma inscrição de 48 d.C., é designado “deus visível e salvador político da vida humana”, e outra inscrição, poucos anos mais tarde, concede a Nero o título de “salvador e benfeitor do mundo”.¹⁹

Paulo deseja claramente, em 3.20, 21, que os filipenses considerem sua marginalização um sinal de sua cidadania em outra sociedade — celestial. No último dia, além do mais, seu Salvador se tornará o único governante do mundo e sujeitará os perseguidores deles a si mesmo (cf. 2.10,11).²⁰ Paulo deseja que os filipenses percebam que sua salvação no dia final se deve à sua fidelidade ao evangelho e que, a despeito de seu sofrimento, ele é “o que há de melhor” e algo que “importa” (1.10; cf. 1.18). Portanto, em meio a seu sofrimento, eles devem se concentrar nesse objetivo escatológico.

Bondade para com todos, oração agradecida e contemplação do bem

Por fim, Paulo dá alguns conselhos práticos sobre como os filipenses podem se regozijar no Senhor em detrimento das circunstâncias difíceis. “Alegrem-se sempre no Senhor”, ele ordena, “Novamente direi: Alegrem-se!” (4.4). Mas como, falando de uma maneira prática, os filipenses podem vencer a angústia ocasionada por sua perseguição, pelo aprisionamento de Paulo e pela doença de Epafrodito?

Além do conselho já oferecido, Paulo diz aos filipenses para darem três passos práticos. Primeiro, eles podem se lembrar de que a resposta cristã à diversidade por causa da fé não é atacar os inimigos violentamente, mas deixar a retribuição a cargo do Senhor em sua vinda e, enquanto isso, usar de bondade (*epieikês*) para com todas as pessoas. Paulo sabe que Jesus respondeu à perseguição desse modo (Rm 15.3; 2Co 10.1; cf. Fp 2.8)²¹ e, portanto, é assim que os seguidores de Jesus devem reagir.

¹⁸Sobre este ponto, v. Peter Pilhofer, *Philippi*, 2 vols. (WUNT 87, 119; Tübingen. J.C.B. Mohr [Paul Siebeck], 1995-2000), vol. 1, p. 122-3,131-2.

¹⁹V. Werner Foerster, “σωτήρ”, *TDNT*, 7.1007; MM, p. 621-2; e Bockmuehl, *Philippians*, p. 235.

²⁰V. Pilhofer, *Philippi*, vol. 1, p. 122-34, que destaca o aparecimento do mesmo tema em 1.27, onde Paulo diz aos filipenses para se comportarem como cidadãos (*politeuesthe*) de maneira digna do evangelho de Cristo. Ele também pode estar presente em 4.3, onde Paulo fala de seus colaboradores arrolados no livro da vida, possivelmente uma analogia à lista de cidadãos mantida nos arquivos de Filipos.

²¹Essa também é a forma com que o homem justo de *Sabedoria* 2.12-20 respondeu aparentemente às perseguições dos ímpios. “Experimentemo-lo pelo ultraje e pela tortura”, os ímpios dizem enquanto planejam seu ataque contra o justo, “a fim de conhecer sua serenidade [*epieikeias*]...” (2.19).

Segundo, Paulo diz aos filipenses para que orem com ações de graça, concentrando-se menos nas dificuldades enfrentadas do que nas coisas pelas quais podem agradecer. O evangelho avança como resultado do aprisionamento de Paulo (1.12-18a). Qualquer que seja o resultado do aprisionamento — quer vida quer morte — Cristo será exaltado no corpo de Paulo (1.18b-26). O próprio sofrimento é em si mesmo um dom por assegurar os filipenses da perdição de seus perseguidores e de sua salvação (1.28,29). Epafrodito deu heroicamente sua contribuição para a obra do evangelho por meio de seu serviço sacrificial a Paulo na prisão (2.25-30). Tudo isso deve conduzir os filipenses a uma oração de agradecimento.²²

Terceiro, como muitos outros antes dele, e também depois, que tentaram consolar outras pessoas em meio às dificuldades, Paulo advoga o abandono do mal e a contemplação do bem (4.8,9).²³ Epicuro afirmava a obtenção de alívio da angústia ou do sofrimento mental ao voltar a mente da pessoa da dor para experiências prazerosas. Cícero e outros modificaram a técnica e disseram que a mente conturbada não deve ser levada a cogitar o que é prazeroso, mas as coisas virtuosas. A abordagem de Cícero também é a de Paulo; de fato, lista das virtudes para contemplação em circunstâncias adversas é similar à lista de Paulo encontrada aqui: “tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama”²⁴ (cf. 4.8). Além disso, Paulo diz, os filipenses devem contemplar como o próprio Paulo serviu-lhes de mestre e modelo para colocarem essas virtudes em prática (4.9).

Resumo

Em sua carta, Paulo provê aos filipenses vários recursos para poderem vencer a angústia gerada pelo destino de Paulo e pelo destino deles como crentes em uma sociedade hostil à sua fé. Eles deveriam, Paulo diz, encontrar alegria no progresso do evangelho a despeito das dificuldades experimentadas. Isso é o que verdadeiramente importa, e o que acontece tanto nas circunstâncias que envolvem Paulo (1.12-26) quanto nas que envolvem os filipenses (1.28,29). Na tentativa de adotar esta perspectiva, os filipenses devem olhar para Paulo, Cristo Jesus, Timóteo e Epafrodito como exemplos. Eles devem lembrar do objetivo escatológico de seu progresso na fé. Eles também devem ser bondosos quando perseguidos, orar agradecidos pelo bem que Deus realiza entre eles e entre aqueles que eles amam, e tirar sua mente das circunstâncias adversas incentivando a contemplação do bem. Em resumo, eles devem “alegrar-se no Senhor” (3.1; 4.4) e não permitir que a perseguição ou a angústia impeçam seu “progresso e alegria na fé” (1.25).

²²Holloway, *Disce Gaudere*, p. 169-70, destaca que na antiga literatura de consolação, o consolador não raro aponta ao leitor para se concentrar nas coisas pelas quais pode agradecer e não nas circunstâncias adversas.

²³Paul A. Holloway, “*Bona Cogitare*: An Epicurean Consolation in Phil 4:8-9”, *HTR* 91 (1998): 89-96. Cf. idem, *Disce Gaudere*, p. 170-7.

²⁴Cícero, *Disputas Tusculanas* 5.23.67.

A AMEAÇA DA DESUNIÃO PARA O PROGRESSO DO EVANGELHO

Apesar do questionamento ocasional de alguns intérpretes, há pouca dúvida de que a igreja filipense era afligida pela desunião.²⁵ Em 4.2 Paulo roga a duas mulheres, Evódia e Síntique, a “viver em harmonia”, e a disputa entre elas era tão grave que Paulo designa um mediador anônimo, na carta, para “ajudá-las” — provavelmente a encontrar algum terreno comum e pôr fim à contenda. Sua discordância, talvez, tenha passado para a congregação de forma geral, ou ainda, a congregação tivesse sido afetada por outros problemas (não mencionados). Qualquer que fosse a causa, Paulo também teve de dizer a toda a igreja para parar com as “queixas e discussões” (2.14).

A discussão deve parar porque impede o progresso do evangelho em duas frentes. Primeira, anula o testemunho dos filipenses para a “geração corrompida e depravada” em que vivem e entre os quais eles devem “brilhar como estrelas no universo”. A ordem dos filipenses é manter a palavra da vida nessa situação para que, como Daniel 12.3 diz, eles “conduzam muitos à justiça” (Dn 12.15, 16a).²⁶ Sua desunião, todavia, ameaça essa possibilidade ao pôr em perigo seu testemunho.

Segunda, sua desunião impede o progresso em direção ao último dia. Paulo diz que eles devem parar de reclamar, e dizer: “no dia de Cristo, eu me orgulharei de não ter corrido nem me esforçado inutilmente” (2.16b). De forma similar, ele prefacia o apelo a Evódia e Síntique com a lembrança de que os filipenses são sua “coroa”, uma metáfora do atletismo — pois a coroa da vitória só se recebe no último dia, quando a corrida foi completada (cf. 1Co 9.25; 1Ts 2.19; 2Tm 2.5; 4.8). Se eles querem alcançar esse dia “puros e irrepreensíveis” (1.11), devem, então, “pôr em ação” sua “salvação” (2.12) deixando de lado seus argumentos.

A estratégia de Paulo para encorajá-los a praticar isso não inclui só a exortação direta (2.1-18), as petições (4.2) e os lembretes sobre o último dia (2.16), mas, novamente, como 3.17 e 4.9 nos faz esperar, e mostra exemplos a seguir. Paulo, Jesus, Timóteo e Epafrodito — todos são exemplos não só da concentração no progresso do evangelho a despeito das dificuldades, mas também de deixar de lado interesses pessoais a fim de ajudar no progresso do evangelho.

Quando Paulo enfrenta os que “pregam Cristo por inveja e rivalidade [...] pensando que me podem causar sofrimento enquanto estou preso” (1.15,17), ele se regozija pelo fato de que Cristo está sendo pregado (1.18a). De forma similar, Timóteo, apesar de estar cercado por aqueles que levam em consideração apenas

²⁵Caird, *Paul's Letters from Prison*, p. 117, afirma que os chamados à unidade na carta não revelam um problema da igreja de Filipos, apenas repetem os “acontecimentos infelizes que dividiram a igreja de Roma”.

²⁶A afirmação de Paulo de que os filipenses “brilham como estrelas no universo, retendo firmemente a palavra da vida” (2.15,16), repete Dn 12.3 onde, seguindo a ressurreição, aqueles “que conduzem muitos à justiça” brilharão “como as estrelas para todo o sempre”. V. Fee, *Philippians*, p. 246-7, e Bockmuehl, *Philippians*, p. 158.

ESTE LIVRO FOI ESCRITO para suprir a necessidade de alunos engajados em um estudo sério do Novo Testamento – professores, pastores, estudiosos ou leigos – tanto na orientação teológica de cada livro do Novo Testamento como no panorama do Novo Testamento como um todo.

Estudar a teologia do Novo Testamento pode ser uma tarefa muito árdua. Cada um dos vinte e sete livros, escritos por vários autores, tem sua própria nuance e ênfase teológica. Como podemos extrair uma mensagem coerente diante da diversidade teológica?

Frank Thielman apresenta uma teologia do Novo Testamento cuidadosa para responder a essa questão, levando em consideração o âmbito cultural e as circunstâncias históricas que compreendiam cada livro e o Novo Testamento como um todo. Ele examina o conteúdo teológico de cada livro individualmente, mas também em relação ao restante do Novo Testamento. Essa análise é feita, principalmente, no contexto de três unidades teológicas que compõem o Novo Testamento: os evangelhos e Atos, as epístolas Paulinas e as epístolas gerais ou católicas e Apocalipse.

Esta abordagem canônica e sintética honra tanto a diversidade teológica dos vários livros como a unidade teológica entre os livros. No final, Thielman apresenta uma visão teológica unificada do Novo Testamento, ancorado na centralidade de Jesus Cristo.

FRANK THIELMAN é Professor Presbiteriano de Novo Testamento da Beeson Divinity School, Samford University, Birmingham, Alabama.

Shedd
publicações

Literatura que Edifica

ISBN 978-85-88315-59-4



9 788588 315594